

# A REDE URBANA NORTE-PARANAENSE E CIDADES ESPECIALIZADAS EM PRODUÇÕES INDUSTRIAIS: ARAPONGAS, APUCARANA E CIANORTE

Tania Maria Fresca<sup>1</sup>

## Introdução

O objetivo do presente trabalho é compreender a relação entre as transformações da rede urbana norte-paranaense e a origem e caminhos que permitiram às cidades de Arapongas, Apucarana e Cianorte, tornarem-se especializadas em produções industriais.

### 1. A Rede Urbana Norte-Paranaense: Transformações e Complexificação

Inicialmente cumpre explicitar a concepção adotada de rede urbana, que constitui-se em um "[...] conjunto de centros funcionalmente articulados [...]" (CORRÊA, 1989, p. 08), refletindo e condicionando as transformações econômico-sociais da sociedade. Deve-se entender que a gênese e a dinâmica de uma rede urbana estão inseridas no processo histórico que lhe atribui uma natureza eminentemente social e a torna uma dimensão sócio-espacial da sociedade, refletindo e condicionando essa mesma sociedade que a engendrou. Desta forma, a rede urbana é "[...] um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais especializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução"(CORRÊA, 1997, p. 93).

Sendo ao mesmo tempo uma dimensão sócio-espacial da sociedade ou uma estrutura territorial, através da rede urbana verificam-se os processos de criação, apropriação e circulação do valor excedente (CORRÊA, 1989, p. 87), frequentemente alterados já que interligados à divisão territorial do trabalho, que também sofre constantes mudanças. Neste sentido entende-se que a "[...] rede urbana constitui-se simultaneamente em um reflexo da e uma condição para a divisão territorial do trabalho"(CORRÊA, 1989, p.48), enquanto caminho profícuo para compreender como esta categoria se constitui num dos motores da vida social e da diferenciação espacial (SANTOS, 1996, p. 104).

Em momentos históricos anteriores como os anos 1950 e 1960, a análise de rede urbana norte-paranaense e correspondente compreensão dos núcleos urbanos pode ser realizada com base nas formulações gerais de Christaller (1966), como foram aquelas efetuadas por Geiger (1963) e Keller (1968). Ainda com base nas formulações christalleriana e nas contribuições efetuadas a esta teoria por Corrêa (1982), é possível entender que a

rede urbana norte-paranaense apresentava-se naquele momento - os anos 1950 e 1960 - como sendo do tipo christalleriano. O que isto significava? Significava que a inserção da rede na divisão territorial do trabalho apresentava relativa fraca heterogeneidade produtiva, caracterizada fundamentalmente pela produção agrícola destinada ao mercado externo - com café, produto pelo qual ocorria a inserção na divisão internacional do trabalho - e ao mercado interno nacional com gêneros alimentícios e matérias-primas ao setor industrial, concentrado sobretudo em São Paulo. Com tal inserção, as cidades apresentavam-se como localidades centrais cuja essência era a distribuição de bens e serviços - correlacionada a produção, circulação, consumo - além daquelas funções vinculadas à produção propriamente dita como a coleta, transformação, comercialização e transporte. Do desempenho destas funções emergia uma diferenciação hierárquica entre as cidades muito mais pautada na quantidade do que na qualidade das funções desempenhadas.

Contudo, este referencial não é mais significativo para a análise da rede norte-paranaense atual que passou por uma complexificação, vinculada a intensificação dos processos de produção, circulação, distribuição e consumo. Na medida que processos gerais foram incidindo na rede urbana, emergiu uma heterogeneidade que antes não estava presente e onde o que mais se ressalta é a continuidade da diferenciação e redefinição dos lugares.

O primeiro aspecto para o entendimento da rede urbana norte-paranaense na atualidade é a sua inserção na divisão territorial do trabalho. O processo geral de modernização da agricultura brasileira ao atingir a rede provocou uma diversidade produtiva, tendo como uma de suas expressões, a implantação de complexos agroindustriais submetidos à lógica da produção e reprodução do capital industrial. Internamente à rede, áreas foram incorporadas à produção de soja-trigo, à pecuária, à produção sucro-alcooleira e outras tantas produções de menores representatividade de área ocupada e valor gerado, enquanto outras ficaram à margem deste processo. Estas áreas estão à espera do momento em que suas potencialidades sejam valorizadas pela incidência de outro conjunto de processos, que gerarão outras singularidades. É o que recentemente vem ocorrendo na porção noroeste da rede urbana em estudo, antes ocupadas por pastagens e agora tornando-se área produtora de soja.

Para cada uma destas produções instauradas diante da complexificação da divisão territorial do trabalho, relações econômico-sociais específicas foram desenvolvidas, como a inserção de áreas em nexos econômicos estabelecidos em escala internacional mediante comercialização de *commodities*, quer seja por uma estrutura cooperativa, por escritórios de transnacionais ou mesmo por agroindustriais da capital nacional.

---

<sup>1</sup> Departamento de Geociências – UEL - fresca@uel.br

Um segundo aspecto diz respeito às implicações que esta modernização trouxe para a dinâmica populacional, onde se destaca o esvaziamento demográfico do campo e aumento da urbanização. Não deixou de ser alarmante o fato dos municípios da rede urbana norte-paranaense terem passado por um crescimento negativo da população no período 1970-1991, enquanto a taxa de urbanização elevou-se. Nesta nova redistribuição populacional, cidades que nos anos de 1960 já eram as maiores do ponto de vista da população, tiveram seu crescimento reforçado, gerando - incluso outros fatores econômicos-sociais - áreas de aglomeração físico territorial em Londrina e Maringá, transformadas em 1998, em regiões metropolitanas pelo governo estadual.

Do ponto de vista da produção propriamente dita, outras emergiram ou foram ampliadas para cidades da rede urbana, como a produção industrial. Se em momentos anteriores as cidades da rede caracterizavam-se por uma restrita produção industrial vinculada a sua participação na divisão do trabalho, basicamente como localidades centrais, no final do século XX ocorreu um aumento desta produção<sup>1</sup>, gerando inclusive cidades com especialização em dadas produções industriais, objetivo deste trabalho.

Simultaneamente a uma outra densidade produtiva instaurada na rede urbana, ocorreu ainda a melhoria geral da circulação, enquanto etapa necessária entre produção, distribuição e consumo. As estruturas para a circulação, passaram por avanços permitindo maior fluidez e flexibilidade à circulação de pessoas, mercadorias, capital, idéias, valores.

Com estes elementos, observa-se que houve uma substancial mudança no papel e nas funções da rede urbana. Se esta pode ser considerada como uma forma espacial, através da qual funções se realizam emanadas de processos sociais que assumem características específicas na estrutura capitalista, no período considerado a maior mudança ocorreu nas suas funções.

O que ocorreu foi uma complexidade funcional dos centros urbanos traduzida agora em enormes diferenciações entre as cidades, manifesta na emergência de várias cidades especializadas - tanto em produção industrial como em serviços; na transformação de núcleos em reservatórios de força de trabalho rural; em cidades que colocaram-se como reguladoras e controladoras de parte da produção agrícola, as "cidades do campo"(SANTOS, 1994); em cidades que gradativamente ganharam novas funções vinculadas ao comércio e serviços. Outros centros perderam parte de suas funções e potencialidades funcionais latentes emergiram ou foram criadas (CORRÊA, 1997)

Tais diferenças foram construídas a partir da inserção de cada núcleo na divisão territorial do trabalho, correlacionada a contingência enquanto conceito que permite entender o resultado de uma seleção de inúmeras possibilidades - ditadas pelos processos gerais - de se realizarem no lugar. Mais ainda, tais transformações foram mediatizadas por

agentes internos e externos que em razão de seus interesses e de suas capacitações técnicas foram capazes de perceberem a possibilidade de realização de um dos processos universais.

A medida que se ampliam as diferenças funcionais entre os centros, um dos aspectos desta complexidade é o fato de cada cidade situar-se em pelo menos duas redes. Uma destas redes é aquela das localidades centrais, mas correlacionada às transformações nas estruturas de consumo e aos níveis de demanda mais diferenciados, já que vinculada à maior estratificação social.

A segunda rede de inserção dos centros é menos sistemática e irregular porque envolve inúmeras relações de integração interna e externa e ao mesmo tempo manifesta novos padrões de desigualdade vinculada aos processos sociais. Em outras palavras, a inserção de um núcleo em outra(s) rede(s) ocorre vinculado aos outros papéis que este desempenha, sejam eles singulares ou complementares em relação a outros centros. E o fato da inserção em outra rede ser não sistemática e irregular é em realidade, uma das traduções das diferentes participações na divisão territorial do trabalho.

A partir deste quadro referencial, procura-se entender a especialização monoindustrial (CORRÊA, 2004), estabelecida nas cidades de Arapongas, Apucarana e Cianorte. Especializações estas considerando-se o volume de produção realizada, colocando os centros urbanos citados em destaque nacional e estadual; no número de empregos diretos gerados; na participação na receita municipal, dentre outros. Ao mesmo tempo, a compreensão da gênese e evolução desta produções conduzindo à especialização produtiva, implica na possibilidade de entender um dos aspectos da complexificação da rede urbana norte-paranaense no início do século XXI.

## **2. A Gênese das Produções Industriais em Arapongas, Apucarana e Cianorte**

Foi no bojo dos processos de transformações que afetaram a agropecuária norte-paranaense nos anos 1960-1970, que ocorreu a gênese das produções industriais nas cidades em tela.

Em Arapongas foi implantado um setor moveleiro que teve em Natal Lachi (Móveis Lachi) e Adriano Romera (Simbal) os principais precursores. Ambos de origem urbana que com o acúmulo de certa quantia oriunda de seus salários, iniciaram modestas atividades moveleira produzindo móveis sob encomenda e colchões respectivamente. Quando se diz que foram precursoras, refere-se ao fato de que destas unidades produtivas emergiram outras seja: pela criação de sociedades e quando de seu rompimento, um dos ex-sócios abriu nova empresa; seja pela fundação por parte de ambos, de outras indústrias em sociedade com outras pessoas; pela experiência gerada a funcionários que depois iniciaram

atividades industriais. Contudo é marcante na gênese deste setor a transferência de capital de atividades agrárias para que um dos filhos iniciasse produção urbana ou ainda mediante residência urbana, um dos membros da família acumulasse certa quantia com atividades diversas (empregos, pequenos comércios, etc.) e iniciasse sua produção artesanal/industrial (SOUZA, 1998). Com capitais, estruturas físicas e produções modestas, a produção moveleira foi expandida ao longo das décadas subsequentes - pelo que denominou-se de contrato próximo, isto é, a partir da criação e expansão de algumas empresas, visíveis empiricamente – neste tamanho de cidade - pela contratação de novos empregados, aumento da produção, enriquecimento do proprietário, outras pessoas ligadas ou não a esta atividade passaram a fundar indústrias moveleiras (ex-empregados por exemplo).

Processo este que estendeu-se ao longo dos anos 1970 e 1980 com a fundação de outras indústrias e que permitiram no final dos anos 1980, Arapongas ter um setor industrial consolidado na produção de móveis residenciais, retilíneos, utilizando painéis de madeira como aglomerado, compensado, produzindo estofados cujo mercado consumidor era em escala nacional, concentrado sobretudo no Centro-Sul do país, tendo nas camadas sociais de menor poder aquisitivo seu grande destaque (CÂMARA, 2003; ABIMÓVEL, 2001; SERCONI, 2003)<sup>2</sup>.

Em Apucarana foi implantado um setor confeccionista especializado na produção de bonés, sendo inclusive adjetivada de "capital nacional dos bonés", já que é a maior produtora nacional dos mesmos.

Esta atividade foi iniciada a partir da ação de Jaime Ramos, de origem urbana, que para obter rendimentos produzia tiaras e chapeuzinhos artesanalmente na sua residência e os vendia nas portas do estádio de futebol e festas diversas. Mediante aceitação positiva do consumidor, fundou a Cotton's Bonés em 1977/78, que rapidamente expandiu produção mediante ingresso de um sócio de origem nipo-brasileira (comerciante de produtos agropecuários). Similar ao que ocorreu em Arapongas, também o rompimento da sociedade permitiu a formação de novas empresas com outros sócios e repetidamente a criação de outras unidades confeccionistas de bonés. Mais uma vez o contato próximo gerou a perspectiva de criações de outras unidades produtivas: pelo caminho da separação de sociedades; funcionários com experiências no ramo vinculados aos mesmos - viajantes, representantes comerciais; profissionais outros que a partir do acúmulo de certo capital ingressam na produção de bonés.

A fundação de indústrias prosseguiu em Apucarana ao longo dos anos 1980 e 1990, conformando um setor especializado na produção de bonés promocionais que futuramente promoveram diversificação da produção, incluindo outros brindes com camisetas, porta CD's, etc.<sup>3</sup>

Cianorte por sua vez, teve a implantação de outro setor confeccionista produzindo roupas distintas como modinha (shorts, blusas, saias, etc.), roupas infantis, camisas e peças jeans. A iniciativa desta produção se deve a Cheble Mitri Abou Nabhan (filho de libanês que foi mascate no norte do estado e fixou residência em Cianorte em 1955). Cheble atuou no comércio familiar - loja de armarinho e confecção – até 1977, quando fundou sua primeira indústria confeccionista com recursos oriundos da atividade comercial. Principiando produção com roupas infantis e para a qual havia carência de produção na época, teve como primeiro cliente as Casas Pernambucanas. Mediante sucesso da atividade convidou parentes para iniciarem produção confeccionista e inclusive para realizar parte da mesma, já que sua indústria não era capaz de produzir face aos grandes pedidos.

Mais uma vez o contato próximo gerou a implantação de elevado número de indústrias cuja gênese ocorre: com pessoas que tem experiência no ramo (comércio de roupas, tecidos); por pessoas que exerceram diretamente atividades junto as indústrias e com o acúmulo de certa poupança, implantou suas unidades (ex-costureiras, ex-modelistas, etc.); por pessoas que não tem experiência no ramo e aí enfrentam dificuldades, que são resolvidas por contratações de funcionários qualificados ou sucumbem. Similar ao que ocorreu em Arapongas e Apucarana, foi no final dos anos de 1980 que a atividade teve sua consolidação, mediante rápido crescimento do número de estabelecimentos, do número de empregos gerados, de geração de rendas ao município. Contudo é bom frisar que a facção de jeans é um segmento importante na cidade, produzindo calças para grifes como Ellus, Pierre Cardin, Calvin Klein, etc.

Estas gêneses de produções industriais nas cidades de Arapongas, Apucarana e Cianorte estão correlacionadas inicialmente às grandes transformações produtivas que ocorriam no norte do estado nos anos 1960-1970, ligadas a agropecuária. Em outras palavras, a desestruturação de uma produção propriamente dita ligada ao café, gêneros alimentícios e matérias-primas para a comercialização, em pequenos e médios estabelecimentos com forte participação da mão-de-obra familiar e a implantação de uma outra produção ligada ao binômio soja trigo, agroindústrias sucro-alcooleiros e pastagens, submetida a lógica da produção e reprodução industrial, trouxe implicações diretas para as economias municipais. Toda uma série de atividades comerciais, industriais e prestadoras de serviços presentes nas cidades e ligadas à anterior produção agrícola perderam sentido, já que ligadas às demandas do campo, que fora esvaziado demograficamente. Ao mesmo tempo ocorria a incidência de processos gerais que se singularizam nos lugares em análise, impondo outras produções agrícolas e a incidência de processos que indicavam outras possibilidades de se realizarem. E foi alguns destes que acabaram sendo "percebidos" por agentes locais que em razão de suas experiências, de seus interesses e condições econômico-sociais diversas, acabaram por transpô-los singularizadamente em Arapongas

com indústrias moveleira, em Apucarana com produção de bonés e em Cianorte com confecção. Importa frisar ainda que a gênese destes setores industriais ocorreu em momentos em que a economia nacional vivia fases de retração em seu desenvolvimento econômico, correlacionado aos ciclos longos - Kondratieff - e ciclos curtos - Juglar. Especialmente os últimos pois no início dos anos 1960 (1963-1967), quando emergiu o setor moveleiro correspondia a uma fase interna recessiva; entre 1974-1977 outra fase recessiva curta na qual emergiu confecção e bonés em Cianorte e Apucarana respectivamente, e para estes últimos já em um ciclo longo recessivo inaugurado em 1973 com a crise do petróleo (RANGEL, 1986). Tais elementos permitem compreender que no bojo de fases recessivas, agentes sociais buscam e implantam atividades novas - referidas às cidades estudadas - como estratégia para fazer frente ao desmonte de outras estruturas produtivas. Com isto reforça-se o fato de que a interpretação do desenvolvimento nacional com base nos Kondratieffs e Juglares (RANGEL, 1986), impõe o entendimento de que mesmo em etapas recessivas, medidas e soluções são buscadas e implantadas para fazer frente a perda de ritmo de crescimento, especialmente manifestados nos ciclos internos, correlacionados que são ao processo de industrialização via substituição das importações. E nisto reside uma das particularidades da interpretação rangeliana sobre o movimento da história brasileira, conformando formações econômicas, que para Mamigonian (1996) são as formações sócio-espaciais (SANTOS, 1982).

É neste sentido que as cidades em estudo até os anos de 1960, podiam ser caracterizadas como centros sub-regionais na rede urbana norte-paranaense organizada no padrão tipo christalleriano. Enquanto centros sub-regionais na hierarquia urbana, estes lugares centrais distribuíam bens, ofertavam serviços e transformavam e comercializavam a produção rural (FRESCA, 2000). Mas, as transformações em curso iriam alterar profundamente esta caracterização das cidades, que de lugares centrais ligados ao atendimento de demandas da população rural e urbana, tornar-se-iam cidades onde a produção industrial compexificaria suas compreensões.

### **3. Caracterização das Atividades Industriais: Matérias-Primas, Mercado Consumidor e Formas de Comercialização**

As cidades em estudo caracterizam-se por complexas interações espaciais envolvendo deslocamentos de pessoas, mercadorias, informações, capital, etc. já que são "[...] parte integrante da existência e do processo de transformação social" (CORRÊA, 1997 a, p. 280). As interações espaciais para Corrêa (1997 a, p. 295), permitem compreender "[...] os diferentes fluxos que articulam os fixos socialmente criados [...] caracterizados por lógicas que lhes conferem regularidades espaço-temporais que se reportam à organização social e a seu desigual movimento de transformação". Tal referência é importante tendo em

vista que por intermédio das produções industriais de Arapongas, Apucarana e Cianorte, interações espaciais são estabelecidas em escalas distintas.

### 3.1. Matérias-primas

A origem das matérias primas para o setor moveleiro de Arapongas pode ser visualizada no quadro 1 a seguir, demonstrando que parte das mesmas são obtidas no estado de São Paulo, Paraná e na própria cidade. Importante referir que a madeira (MDF, aglomerado) tem predomínio de sua obtenção no próprio estado em cerca de 50%, tendo em vista ser um dos principais produtores nacionais, especialmente após 1998, quando entrou em operação a Tafisa, de propriedade do Grupo Sonae (CÂMARA, 2003). Destaque também para a própria cidade que já conta com inúmeras indústrias ofertadoras de matérias diversas como percintas para estofados; embalagens plásticas; couro sintético; poliuretano; grampos para estofados; molas para colchões, etc. Muitas destas unidades produtoras de matérias-primas, localizadas em Arapongas, correspondem em parte, a indústrias resultante do processo de verticalização de outras. É o caso da Simbal que nos anos de 1990, expandiu suas atividades incluindo a produção de matérias-primas para consumo próprio e comercialização para outras. Tal fato põe em relevo questionamento a respeito da chamada horizontalização da produção, isto é, se esta última tem sido colocada com explicações para evolução das indústrias e/ou estratégia para movimentação e expansão do mercado, outras indústrias tem na verticalização uma alternativa para sua continuidade.

**Quadro 1: Origem das matérias-primas do setor moveleiro de Arapongas-PR**

| Matérias-primas       | Origem  |
|-----------------------|---|
| MDF*                  | Duratex-SP; Tafisa-PR                                 |
| Aglomerados           | Berneck-PR; Placas Paraná-PR;; Eucatex-SP; Duratex-SP |
| Mat. Plásticas        | Vulcan-RJ   |
| Vernizes, tintas      | Sayerlack-SP  |
| Tecidos               | J. Serrano  |
| Espuma                | Trorion, fornecedores de Arapongas                    |
| Courvin               | Idma  |
| Grampos               | Fornecedores de Arapongas                             |
| PVC (couro sintético) | Fornecedores de Arapongas                             |

FONTE: Levantamento de campo

Câmara, 2003; Souza, 1998; Serconi, 2003

\* Medium Density Fireboard.

Este fato também ocorre em Apucarana ao verificar-se a origem das matérias-primas para as confecções. O quadro 2 a seguir demonstra que além de indústrias com localização principal no estado de São Paulo e sua região metropolitana, a cidade em análise também é fornecedora de matérias-primas mediante várias unidades. Muitas destas, com origens e produções não vinculadas às confecções, mas a partir da expansão do setor,

acabaram por diversificar suas linhas de produção, incluindo partes/acessórios para a mesma - caso da Sanetubos (produzindo tubos para saneamento básico) e Pandaplast (produzindo matérias plásticas), ambas de origem local. Quanto a verticalização, está também ocorreu por intermédio da criação de uma indústria têxtil como filial de uma confeccionista Kriswill, produzindo malhas para consumo próprio e revenda do excedente.

Contudo, destaca-se em Apucarana a criação de duas associações de industriais que tem na obtenção de matérias-primas uma de suas funções. A primeira foi a Associação Brasileira dos Fabricantes de Bonés de Qualidade – Abrafab'q - que reúne 8 empresas do setor (Kioudai e Rytos com cerca de 60 empregados cada; Showa, Estação e Kicker com 100 empregados cada; SLC Bonés com 50; Christian Bonés com 170; Kriswill com cerca de 280 empregados).

#### Quadro 2: Origem das matérias-primas do setor confeccionista de Apucarana-PR

| Matéria-prima                 | Origem   |
|-------------------------------|--|
| Nylon                         | Importado via atacadistas de RJ/SP   |
| Tecidos                       | Santanense/MG; Rochester/SP; Horizonte Têxtil/MG; Valença Têxtil/BA; Paranatex - Apucarana; Jacira/SP; Santista/SP |
| Botões e acessórios de metais | Pandaplast - Apucarana; Eberle/SP  |
| Linhas TNT*                   | Corrente/SP; Selta/SP; Sancris - Brusque/SC  |
| Aba plástica                  | Apucarana e Arapongas (distribuidores atacadistas)   |
| Entretela                     | Sanetubos – Apucarana  |
| Viés                          | Cia Brasfe/SP; Cottons – Apucarana   |
| Acessórios em geral           | Cia Brasfe/SP; Peripan – Itaúna/MG   |
|                               | Boneon - Apucarana; Dicatex - Apucarana; SP; RJ; PR  |

FONTE: levantamento de campo

\* Tecido não tecido - *nonwoven*, utilizado para forração de bonés, estofados, dentre outros.

A segunda é a Associação das Indústrias de Bonés e Brindes de Apucarana - Assibbra - fundada em junho de 2000, reunindo em fevereiro de 2004, 17 micro e pequenas empresas do setor (2 com 6 empregados cada; 10 com 15 empregados e 5 com 30 funcionários). Ambas associações tornaram-se uma central de compras de matérias-primas como forma de rebaixar os custos pela quantidade adquirida e ao mesmo tempo criaram um estoque regulador para seus afiliados.

Cianorte por sua vez, tem as matérias-primas oriundas do Estado de São Paulo e Santa Catarina adquiridas junto as indústrias (tecidos e malhas) e os aviamentos por intermédio de atacadistas paulistas, cariocas e mineiros conforme quadro 3. Neste caso não houve o desenvolvimento de unidades produtivas locais que atendam parte da demanda de matérias-primas, nem da verticalização. Em parte talvez isso deva a forte participação das facções, isto é, a produção de peças donde são fornecidas matérias-primas, moldes, embalagens, etc. pela contratante - normalmente grifes famosas - para a confeccionista

cianortense que tem custo estabelecido a partir da mão-de-obra, o que para alguns empresários do ramo é considerando como "terceirização de mão-de-obra".

### Quadro 3: Origem das matérias-primas das indústrias de confecções de Cianorte-PR

| Matérias-primas | Origem   |
|-----------------|--|
| Tecidos         | Celene-Cerquilha/SP; Sorocaba/SP; Americana/SP; Vicunha – Fortaleza/CE |
| Malhas          | Brusque, Tubarão, Jaraguá do Sul/SC                                    |
| Aviamentos      | atacadistas de São Paulo; Maringá, Rio de Janeiro e Minas Gerais       |

FONTE: levantamento de campo

### 3.2. Mercado consumidor e formas de comercialização

Mais uma vez as interações espaciais estabelecidas a partir do mercado consumidor para as cidades em estudo são amplas, de escala nacional mas com maior concentração no Centro-Sul brasileiro.

Arapongas tem mercado consumidor nacional em cerca de 89% (SERCONI, 2003, p. 87), concentrado nos estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, enquanto o Nordeste tem pouca representação e cerca de 10% da produção é destinada a exportação sobretudo para os países do Mercosul, já que tentativas de exportações para os EUA e outros países não foram bem sucedidas face as diferenças no gosto do consumidor. Contudo há fortes variações no índice de exportação em razão dos problemas enfrentados pelos empresários para tal, como o não conhecimento da dinâmica exportadora (a burocracia), relativo desconhecimento das exigências do consumidor final externo, dentre outras. Tanto que em 1997 o índice de exportação paranaense foi de 8% (GORINI, 2003); em 1998 foi de 7% (ABIMÓVEL, 2001); em 1999 foi de 9% (CÂMARA, 2003).

Quanto ao mercado consumidor nacional, os principais compradores correspondem as grandes redes de comercialização de móveis e eletrodomésticos como Casas Bahia, Magazine Luiza, Brasimac, Ponto Frio, Dudony, A Mafhuz, Lojas CEM, e inúmeras redes com atuação regional como é o caso da Móveis Romera e Darom Móveis, ambas no Paraná. Estas últimas criadas no âmbito da evolução e expansão da Simbal a partir de meados dos anos 1970 e quando do rompimento de sociedade, tornaram-se empresas com diferentes proprietários, sendo Adriano Romera proprietário da Darom Móveis com lojas nas principais cidades do estado paranaense.

As formas de comercialização são variadas, onde 57% das vendas são realizadas via representantes comerciais, 21,2% nas lojas dos próprios fabricantes; 11,5% com varejistas e 9,6% para atacadistas (SERCONI, 2003, p. 87).

Outra estratégia para divulgação dos produtos e incremento nas vendas é a realização da Feira de Móveis do Estado do Paraná - Movelpar - , criada em 1997 com edição bianuais a partir da ação de vários empresários do setor, inclusive com a construção do recinto denominado Expoara.

Em Apucarana a comercialização dos produtos têm nos representantes comerciais sua mais importante forma de venda, dispersos por todo o país, mas 60% das mesmas concentram-se na região metropolitana de São Paulo e 40% distribuídas entre os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Minas Gerais, Bahia e estados nordestinos. Uma segunda forma de vendas está nas licitações efetuadas por órgãos públicos como Embrapa, Iapar, etc. para aquisição de bonés e camisetas, forma esta em que há menor parte das empresas apucaraneses. Uma terceira forma é a produção de brindes (bonés, camisetas, etc.) mediante pedido efetuado por agência de propaganda/publicidade para atender uma dada empresa.

Cianorte por sua vez também tem mercado consumidor bastante amplo, mas concentrando sobretudo no Centro-Sul do país para a produção das marcas próprias das indústrias confeccionistas, já que sobre a produção via facção, não se tem controle. Quanto aos sistemas de comercialização tem-se 50% da produção vendida localmente em *outlet-centers* - shopping-centers por atacado - concentrando lojas de fábricas, enquanto os representantes comerciais são responsáveis pela outra metade das vendas. Tanto quanto em Arapongas, a realização da Expovest em Cianorte dinamiza o processo de vendas já que está inclusa no calendário nacional da moda.

#### **4. Evolução da Produção e Geração de Empregos**

Aspecto crucial em direção ao entendimento da conformação da especialização produtiva industrial nas cidades em tela, está na evolução da produção e na geração de empregos.

Da condição de produtores de móveis simples como mesa, cadeira e colchão, rapidamente os industriais de Arapongas passaram a produzir estofados já nos anos de 1970, para nas décadas subsequentes expandirem suas linhas de produção incluindo quase todos os móveis residenciais, retilíneos, em madeira (aglomerado, compensado e MDF), e menor presença os de metal (tubulares), além de continuidade dos anteriormente citados.

O quadro 4 a seguir indica que Arapongas ocupava em 1998, o quarto lugar dentre os pólos moveleiros nacionais, tanto em número de empresas como de empregos gerados, números estes que evoluíram positivamente até 2002, quando teve-se o total de 152 estabelecimentos e 7.143 empregos gerados conforme tabela a seguir

#### **Quadro 4: Principais Pólos Moveleiros do Brasil – 1998.**

| PÓLO MOVELEIRO                                | NÚMERO DE EMPRESAS | EMPREGOS | PRINCIPAIS MERCADOS   | PRINCIPAIS PRODUTOS  |
|---|--------------------|----------|---|--|
| Ubá-MG  | 153                | 3.150    | Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia                   | Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda  |
| Bom Despacho e Martinho Camos – MG            | 117                | 2.000    | Minas Gerais  | Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda  |
| Linhares e Colatina - ES                      | 130                | 3.000    | São Paulo, Espírito Santo e Bahia                                 | Móveis retilíneos (dormitórios, salas) e móveis sob encomenda  |
| Arapongas - PR                                | 145                | 5.500    | Todos os estados  | Móveis retilíneos, estofados, de escritório e tubulares  |
| Votuporanga SP                                | 350                | 7.000    | Todos os estados  | Cadeiras, armários, estantes, mesas, dormitórios, estofados e móveis sob encomenda em madeira maciça |
| Mirassol, Jaci, Bálsamo e Neves Paulista - SP | 80                 | 3.000    | São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Nordeste        | Cadeiras, salas, dormitórios, estante e móveis sob encomenda em madeira maciça                       |
| Tupã – SP                                     | 54                 | 700      | São Paulo   | Mesas, racks, estantes, cômodas e móveis sob encomenda   |
| São Bento do Sul e Rio Negrinho - SC          | 210                | 8.500    | Exportação, Paraná, Santa Catarina e São Paulo                    | Móveis de pinus, sofás, cozinhas e dormitórios   |
| Bento Gonçalves - RS                          | 130                | 7.500    | Todos os estados e exportação                                     | Móveis retilíneos, móveis de pinus e metálicos (tubulares)   |
| Lagoa Vermelha - RS                           | 60                 | 1.800    | Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e exportação | Dormitórios, salas, móveis de pinus, estantes e estofados  |

FONTE: GORINI, 2003

**Tabela 1: Evolução do número de estabelecimentos e empregos gerados na indústria de madeira e mobiliário em Arapongas, no Estado do Paraná e Brasil: 1990-2002**

| ANO  | Arapongas  |              | Paraná     |              | Brasil     |              |
|------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|
|      | Nº. Estab. | Nº. Empregos | Nº. Estab. | Nº. Empregos | Nº. Estab. | Nº. Empregos |
| 1990 | 88         | 3.085        | 3.313      | 53.345       | 26.904     | 341.195      |
| 1996 | 121        | 5.373        | 3.631      | 58.710       | 26.317     | 338.895      |
| 2000 | 147        | 6.454        | 4.419      | 68.479       | 30.895     | 396.501      |
| 2002 | 152        | 7.143        | 4.396      | 73.365       | 31.100     | 411.492      |

FONTE: Brasil. MTE - RAIS, 1990-2002

Em primeiro lugar chama a atenção, evolução positiva em número de estabelecimentos e empregos em Arapongas na indústria de madeira e mobiliário, cujo crescimento no período considerado foi da ordem de 72,72% e 131,53% respectivamente. Na última data da tabela, o número de estabelecimentos representava 3,45% do Paraná e 0,48% do Brasil enquanto o total de empregos representava 9,73% e 1,78%, do estado e do

país. Contudo, é nítido que as maiores taxas de crescimento em Arapongas ocorreram no intervalo entre 1990-1996 com cerca de 37% e 74% para estabelecimentos e empregos respectivamente, para depois passar por certo arrefecimento nos índices, especialmente entre 2000-2002 com 3,4% e 10%. Tais fatos podem ser entendidos a partir da conjuntura nacional da década de 1990 com rápidas mudanças macroeconômicas. Em outras palavras, na primeira metade da década, o controle forçado da inflação teve implicação positiva na cidade, na medida em que ampliou o consumo para parcela da população com menor poder aquisitivo, já que os preços passaram a ser relativamente estáveis. Já a partir do segundo mandato do governo FHC, as medidas anteriormente adotadas perderam vigor com repercussão em Arapongas via redução no ritmo das taxas de crescimento, embora tenham se mantidas positivas mediante a adoção de várias estratégias por parte dos industriais para se manterem no mercado, a ser discutida a seguir.

Na contrapartida o estado do Paraná apresentou crescimento positivo para o número de estabelecimentos até 2000, para acumular crescimento de 5% até 2002. Situação diferente para os empregos que foi positiva para todo o período apresentado, mas com redução de taxas entre 2000-2002. Diferente de Arapongas, a taxa de crescimento para o estado ao longo do período na tabela foi de 32,68% para estabelecimentos e 37,5% para empregos. O quadro brasileiro para o setor madeireiro e moveleiro foi diferente pois, entre 1990 e 1996, houve taxas negativas de crescimento em 2,18% para estabelecimentos e 0,67% para empregos; crescimento entre 1996-2000 em cerca de 17% e 16% respectivamente, para perder ritmo novamente até 2002, com acréscimo de 0,66% para estabelecimentos e 3,7% para empregos.

Quanto ao número de empregos, os dados são daqueles diretos - formais nas unidades produtivas, enquanto os indiretos são estimados em Arapongas em cerca de 15 mil.

Adjetivado de segundo pólo moveleiro do Sul do Brasil, a produção em 2003 era distribuída em 19,8% para armários; 19,8% para jogos de quartos; 16,7% para estofados; 15,1% de kits de cozinhas e 12% de rack/estantes (SERCONI, 2001, p. 80). Produção esta bastante variável em termos de qualidade, indo desde os mais simples até aqueles para a classe média<sup>4</sup>. Isto coloca em relevo a questão da diversificação das linhas de produção enquanto uma das estratégias adotadas pelos industriais, especialmente nos anos de 1990. Esta década trouxe sérias implicações para o setor industrial brasileiro face as medidas e políticas econômicas adotadas pelos governos federais como a planejada abertura do mercado interno; início das privatizações de unidades produtivas; a facilitação ao ingresso do capital estrangeiro no país; pelo controle forçado da inflação; a sobrevalorização do câmbio; aumento das taxas de juros; adoção do neoliberalismo e da "globalização", dentre outros.

Estas medidas e políticas não foram capazes de gerar a retomada do desenvolvimento econômico nacional pois não atacavam o que Rangel (1986), denominava de nós de estrangulamento da economia, isto é, setores como infra-estrutura e serviços públicos precisam ser modernizados e ampliados. Na dialética da capacidade ociosa, outros setores industriais nacionais como metalmeccânico, a construção civil, etc. estão carregados de capacidade ociosa (RANGEL, 1987) e podem conduzir à dinamização da infra estrutura e serviços públicos via concessão dos serviços públicos à iniciativa privada. Não aquela praticada pelos governos federal e estaduais nos anos 1990, pois não exigiram as inversões de capitais necessários para modernização e ampliação - caso das rodovias do Paraná, das ferrovias brasileiras, do sistema energético nacional, etc. - nem realizaram encomendas à indústria nacional, nem foram capazes de suscitar as mudanças em direção ao efetivo sistema financeiro brasileiro (bancos financiando as indústrias).

Diante deste quadro conhecido mas pouco compreendido mediante análise rangeliana, os empresários de Araçatuba - onde predominam micro e pequenas empresas pois 42,2%, tem entre 5-19 empregados; 35,6% tem entre 20-29 empregados (SERCONI, 2003, p. 80) - buscaram e implantaram várias estratégias como:

- a) diversificação das linhas de produção, incluindo matérias-primas e modelos mais baratos;
- b) redução de produção diante da contração do mercado consumidor especialmente após 1998, quando do início do segundo mandato de FHC, obrigando as empresas a trabalharem abaixo de sua capacidade produtiva;
- c) redução do número de funcionários - que se reflete na perda de ritmo de crescimento dos empregos gerados na tabela 1;
- d) uso de recursos financeiros particulares para cobrir prejuízos da industria;
- e) implantação da estrutura industrial verticalizada - para grandes empresas como a Simbal - incluindo produção de parte das matérias-primas utilizadas, denotando que a verticalização se tornou uma das estratégias para redução de custos e contraria tendências explicativas de que a produção tenha sido tornada horizontal; para certas linhas de produção como a de estofados foi implantado sistema toyotista de produção (células de produção, just-in-time, kan-ban, etc.) dentre outros.

Araçatuba por sua vez, tornou-se a "capital nacional do boné", adjetivação dada nos anos de 1990 quando o setor passou a responder por parcela significativa da produção nacional, estimada em cerca de 70% para o ano de 2003.

A tabela 2 a seguir expressa a evolução do número de estabelecimentos e empregos gerados no período 1990-2002 para o setor de indústria têxtil de vestuário e artefatos e tecidos.

**Tabela 2: Evolução do número de estabelecimentos e empregos no setor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos de Apucarana, do Estado do Paraná e do Brasil: 1990-2002.**

| LOCAL<br>ANO | Apucarana     |              | Paraná        |              | Brasil        |              |
|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|
|              | Nº.<br>Estab. | Nº. Empregos | Nº.<br>Estab. | Nº. Empregos | Nº.<br>Estab. | Nº. Empregos |
| 1990         | 61            | 1.269        | 1.931         | 27.492       | 40.307        | 831.404      |
| 1996         | 135           | 3.397        | 2.500         | 34.962       | 40.308        | 662.021      |
| 2000         | 251           | 4.209        | 3.289         | 47.479       | 44.200        | 702.094      |
| 2002         | 313           | 5.335        | 3.794         | 55.966       | 48.047        | 725.131      |

FONTE: Brasil. MTE – RAIS, 1990-2002.

NOTA: Em janeiro de 2004, a Prefeitura do Município de Apucarana informava o total de 521 estabelecimentos confeccionistas na cidade, mediante trabalho daquela gestão em criar condições para o cadastramento de todas as unidades produtivas.

Uma ressalva é necessária: dados específicos para a produção de bonés, inclusa nos artefatos de tecidos ou confecção, não são disponíveis em fontes oficiais, por isso optou-se por estes dados de modo a expressar a importância do mesmo.

Observa-se inicialmente uma evolução positiva em Apucarana tanto para estabelecimentos como empregos, cuja taxa de crescimento no período foi de 413,11% e 320,40% para as variáveis respectivamente. A participação da cidade em relação ao total paranaense e brasileiro também evoluiu positivamente pois em 1990, representava 3,15% do total de estabelecimento no Paraná e 0,15% do Brasil, enquanto dos empregos os índices eram 4,61% do Paraná e 0,15% do Brasil; em 2002 representava 8,24% e 0,65% para os estabelecimentos paranaenses e brasileiros, enquanto os empregos eram 9,53% do Paraná e 0,73% do Brasil, de um dos setores que mais emprega no país. Na contrapartida, o país apresentou evolução diferenciada pois entre 1990-1996 o número de estabelecimentos permaneceram praticamente o mesmo enquanto os empregos foram reduzidos em cerca de 20%. No período 1996-2000 e 2000-2002 ocorreu retomada do crescimento dos estabelecimentos e empregos, mas este último em pequenas taxas e sem alcançar o total de 1990, acumulando no período 1990-2002, taxa negativa de 12,78%. O Paraná por sua vez acumulou taxas positivas de crescimento para estabelecimentos e empregos, cujos índices em todo o período foram de 96,47% e 103,57% respectivamente.

Contudo, em Apucarana o total de empregos pode ser maior vinculado a informalidade presente no setor confeccionista, isto é, a realização por parte de costureiras de etapas da produção - costura, acabamento, etc. - denominado de facção ou terceirização de mão-de-obra, para o qual não há vínculos empregatícios.

Do ponto de vista da produção propriamente dita, empresários do setor estimavam uma produção de cerca de 3,5 milhões de bonés/mês em novembro de 2003, representando algo em torno de 70% da produção nacional, em uma atividade onde predomina micro e pequenas empresas. Se os bonés representam a especialização industrial na cidade, há que se considerar a diversificação dos mesmos bem como a inclusão de outros produtos ligados aos brindes promocionais especialmente na década de 1990. Mais uma vez esta década trouxe implicações positivas e negativas ao setor, obrigando os proprietários a adotarem inúmeras estratégias para manutenção e expansão de suas atividades. Estas foram:

- a) introdução da facção ou terceirização da mão-de-obra vinculada a sazonalidade do mercado, juntamente com a redução de custos pelo não pagamento de encargos trabalhistas. Tal estratégia permite que empresas com reduzida capacidade produtiva aceite pedidos/encomendas muito acima de sua capacidade;
- b) Melhorias técnicas para a produção via introdução de máquinas desenvolvidas especialmente para os bonés; introdução do computer aided design - CAD; introdução de máquinas para a realização de bordados na linha de bonés promocionais (até então realizados via silk screen);
- c) redução de custos das matérias-primas pela aquisição das mesmas em Apucarana mediante a consolidação de fornecedores, sejam eles atacadistas e/ou produtores.

A partir do final dos anos de 1990, e início dos anos 2000, a retração do mercado consumidor e aumento dos preços das matérias-primas articuladas ao contexto nacional, implicaram na adoção de outras estratégias:

- d) diversificação da linha de produção, até então concentrada nos bonés promocionais, foram ampliados com camisetas, bolsas/sacolas (nylon, lona, etc.), revenda de porta CD's, bolas em couro, camisas em tecidos diversos, etc.;
- e) criação de associações de empresas para dentre outras, aquisição de matérias-primas com redução dos custos pela quantidade adquirida;

- f) início da verticalização da produção com implantação de tecelagem para produção de malhas de algodão;
- g) abertura de filiais em cidades/estados onde os incentivos fiscais recebidos e menor custo de mão-de-obra (comparativo a Apucarana) garantem expansão nos negócios;
- h) busca de novos mercados, principiando a exportação mas ainda pouco significativo mediante desconhecimento da burocracia e da preferência do mercado externo;
- i) introdução de linha de bonés para lojas, isto é, bonés com grifes para lojistas e ampliação do segmento de brindes como canetas e chaveiros, etc.

Cianorte por sua vez, tem outras características produtivas que as diferem de Apucarana, pois atua com as confecções em geral, masculina e feminina, com jeans e tecidos diversos, além de estilos de roupas bastante distintos, dos requintados aos mais simples. Adjetividade de "capital do vestuário" em meados dos anos de 1980, pelo então prefeito municipal quando a produção confeccionista já assumia importância na geração de empregos e rendas, esta continuou a ser crescente nos períodos vindouros <sup>5</sup>.

A tabela a seguir demonstra o rápido crescimento numérico de estabelecimento e empregos gerados em Cianorte entre 1990-2002, cujos índices de crescimento em todo o período foram de 554,23% para estabelecimento e 53,19% para empregos.

**Tabela 3: Evolução do número de estabelecimentos e empregos no setor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos de Cianorte, do Estado do Paraná e Brasil: 1990-2002.**

| LOCAL<br>ANO | Cianorte      |             | Paraná        |             | Brasil        |             |
|--------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|
|              | Nº.<br>Estab. | Nº.Empregos | Nº.<br>Estab. | Nº.Empregos | Nº.<br>Estab. | Nº.Empregos |
| 1990         | 59            | 2.111       | 1.931         | 27.492      | 40.307        | 341.195     |
| 1996         | 149           | 1.755       | 2.500         | 34.962      | 40.308        | 338.895     |
| 2000         | 315           | 2.868       | 3.289         | 47.479      | 44.200        | 396.501     |
| 2002         | 386           | 3.234       | 3.794         | 55.966      | 48.047        | 411.492     |

FONTE: Brasil. MTE – RAIS, 1990-2002.

Contudo, a evolução dos estabelecimentos foi sempre positiva embora a taxa decrescente pós 1996, enquanto a geração de empregos foi negativa entre 1990-1996 em 16,86%, recuperando seu crescimento a partir de então. Tal fato se explica pela forte crise que afetou o setor em 1994, quando da instauração do Plano Real, ainda considerada pelos

empresários do setor como da "quebradeira geral" pois: tiveram que incorporar taxas de juros "reais" aos produtos; pela não disponibilidade de recursos via aplicações financeiras; pelo fim da inflação, etc. Novas condições financeiras e administrativas eram impostas para as quais o setor teve que se ajustar, provocando num primeiro momento, redução do número de empregados, que logo voltou a crescer mediante expansão do mercado consumidor.

Se em 1990 o setor representava 3,05% do total de estabelecimentos do estado e 0,14% do total nacional, em 2002 estes índices atingiram 10,17% e 0,80% respectivamente. A participação nos empregos oscilou de 7,67% em relação ao Paraná e 0,25% em relação ao Brasil em 1990, para declinarem em relação ao estado com 5,77% e ampliarem em relação ao nacional para 0,44% em 2002. A redução em relação ao estado implica que outros lugares estejam ampliando o número de empregos gerados já que este dado evoluiu positivamente para todo o período considerado na tabela. Acrescente-se ainda que o uso de "terceirização de mão-de-obra" seja muito expressivo na cidade – implicando em forte informalidade no emprego - onde se verifica relativo baixo número de desempregados, inclusive masculinos, que trabalham na etapa da costura reta em jeans, para os quais se adaptam melhor.

Tanto quanto nas outras cidades, os empresários de Cianorte adotaram inúmeras medidas ao longo dos anos de 1990, para se manterem no mercado como:

- a) Implantação de lavanderias industriais para os jeans como forma de controlar a qualidade da lavagem/coloração/amaciamento e custos, seguindo diretrizes ambientais;
- b) Abertura de filiais por parte das maiores empresas, para produção nas cidades vizinhas (Tapejara, Terra Boa), mediante benefícios recebidos e pelos mais baixos salários da mão-de-obra;
- c) Construção de *outlet-centers*, isto é, *shopping-center* de vendas no atacado;
- d) Ampliação das facções para grifes famosas, como Ellus, Forum, Zoomp, etc.
- e) Introdução da mão-de-obra masculina nas confecções;
- f) Implantação de órgãos como o Sebrae, Senai e recentemente do curso de Moda em nível superior (início dos anos 2000);
- g) Ampliação das vendas para pronta-entrega nos *outlet-centers*;

- h) Atuação dos empresários via Associação das Indústrias de Confecção e do Vestuário de Cianorte, na implantação de forte *marketing* para divulgação da produção e da feira Expovest, incluída no calendário da moda nacional;
- i) Ampliação da produção de grifes próprias por parte dos empresários, algumas inclusive com a implantação de rede de lojas em *shopping-centers* (Pura Mania, Lúcia Figueiredo, etc), no Centro-Sul do país;
- j) Reforço das vendas por representantes de vendas, dentre outros.

### **Considerações Finais**

Discutir as transformações da rede urbana norte-paranaense e o desenvolvimento de produções industriais que acabaram por caminhos diversos e mediatizadas por agentes sociais variados, estabelecendo a condição de cidades tornarem-se especializadas nestas, corresponde a uma das inúmeras possibilidades de compreensão da rede urbana atual. Especialmente uma rede urbana regional que vem passando por inúmeros processos de alterações em sua participação na divisão territorial do trabalho, com implicações imediatas nos centros urbanos. É o que vem ocorrendo desde os anos de 1990, quando esta rede acabou por se tornar uma das preferenciais para nova localização industrial, oriunda de processos de transferência, sobretudo paulista e paulistana, e expansão destas atividades produtivas, como caminho de enfrentamento às mudanças políticas e econômicas nacionais. Ao mesmo tempo, os centros urbanos de Arapongas, Apucarana e Cianorte acabaram por se tornarem cidades especializadas em uma produção industrial, o que não significa exclusividade, pois como viu-se, em todas elas são realizadas outras produções industriais. Mas, por intermédio destas atividades, as cidades em pauta, foram capazes, mediatizadas por agentes sociais, de criarem as condições necessárias para a realização de amplas interações espaciais, inserindo-as em amplos mercados consumidores, quer para aquisição de matérias-primas ou comercialização de suas produções. Isto envolve ainda o estabelecimento de inúmeras relações de integrações internas e externas à rede, manifestando a diferenciada participação dos núcleos na divisão territorial do trabalho. Ao mesmo tempo, impõe outras formas de interpretações e análises a respeito da inserção de centros na rede urbana. Não apenas cidades que desempenham funções ligadas ao seu papel de distribuidora de bens e serviços, mas ainda o desempenhar de atividades produtivas industriais propriamente ditas, inserindo-as em outras redes, cujas escalas de abrangências são muito mais amplas externamente à própria rede urbana. Ressalta-se a partir deste trabalho a necessidade de inúmeras outras pesquisas que procurem dar conta da ampla e variada produção industrial nas cidades da rede urbana norte-paranaense, oriunda tanto de investimentos locais/regionais, como daqueles oriundos de transferência industrial e que tem sido bastante amplo desde os anos de 1990.

## REFERÊNCIAS

- ABIMÓVEL. *Panorama da indústria brasileira de móveis*. Disponível em < [www.abimovel.com.br](http://www.abimovel.com.br) >. Acesso em 06/05/03.
- APUCARANA. Prefeitura Municipal. *Cadastro: tributação*. Apucarana, jan. 2004.
- ARAPONGAS. Prefeitura Municipal. *Listagem cadastro mobiliário*. Arapongas, jan. 2004.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – 1990*. Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – 1996*. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – 2000*. Brasília, 2000.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – 2002*. Brasília, 2002.
- CÂMARA, M. R. et. al. *Clusters e a indústria moveleira de Arapongas*. Disponível em < [www.dad.uem.br/egepe](http://www.dad.uem.br/egepe) >. Acesso em 06/05/03.
- CHRISTALLER, W. *Central places in southern germany*. Prentice-Hall INC, Englewood Cliffs, 1996.
- CORRÊA, R. L. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.
- CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. et. al. (org). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 a .
- CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. *Cidades, Presidente Prudente*, v. 1, n. 1, p. 65-78, 2004.
- CORRÊA, R. L. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, M. (org). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FRESCA, T. M. *Industrialização no Norte do Paraná na década de 1990: transferência industrial e estratégias de crescimento*. Londrina, 2004. Inédito.
- FRESCA, T. M. *Transformações da rede urbana do Norte do Paraná: estudo comparativo de tres centros*. 2000. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo.
- GEIGER, P. P. *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1963.
- GORINI, A . P. F. *Panorama do setor moveleiro no Brasil com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira*. Disponível em < [www.bndes.gov.br/bnset/set.801/pdf](http://www.bndes.gov.br/bnset/set.801/pdf) >. Acesso em 06/05/03.
- KELLER, E. C. da S. Redes urbanas. In: IBGE. *Geografia do Brasil: grande Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. v. 4, t. 2, p. 298-340.
- MAMIGONIAN, A . A geografia e a “formação social como teoria e método”. In: SOUZA, M. A . A . (org). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RANGEL, I. *Economia brasileira contemporânea*. São Paulo: Bienal, 1987.
- RANGEL, I. *Economia: milagre e anti-milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SERCONI, L. *Os pólos moveleiros do Sul do Brasil: estratégias de crescimento, inovação e gestão empresarial*. 2003. Dissertação (Mestrado) – UEL/UEM, Londrina.

SOUZA, N. V. *Plantando chaminés: projeto histórico e biográfico do parque moveleiro de Arapongas*. Londrina: Gráfica Cartaz, 1998.

---

<sup>1</sup> O aumento da produção industrial nas cidades da rede urbana norte-paranense, pode ser observado a partir de inúmeras transferências de unidades produtivas dos mais variados gêneros industriais, oriundas não exclusivamente, da região metropolitana de São Paulo. Veja-se Fresca (2004).

<sup>2</sup> Em Arapongas há um importante segmento industrial ligado ao gênero alimentício na produção de doces, cujo destaque é a Pennachi & Cia, uma das maiores do estado. O setor calçadista também tem expressão, com 40 estabelecimentos em 2004 (ARAPONGAS, 2004).

<sup>3</sup> Embora o enfoque do trabalho seja a confecção, especialmente os bonés, importa referir que na cidade de Apucarana há um importante ramo alimentício ligado a moagem a seco do milho, realizado por empresas como a Caramuru Alimentos de Minho, Kowalski e Cia. Lorenz. Constitui segundo Borges (1996, p. 14), o maior parque moageiro da América Latina, representando 25% do processamento brasileiro. Há ainda outro ramo importante ligado ao curtimento e preparação do couro, que representava em 1996, cerca de 5% da produção nacional (BORGES, 1996, p. 14). Ligado a este, tem-se na cidade 38 estabelecimentos calçadista (APUCARANA, 2004).

<sup>4</sup> A diversificação dos produtos em termos qualitativos não tem sido observada em algumas bibliografias que ainda afirmam tratar-se de um setor voltado sobretudo para a população de menor poder aquisitivo.

<sup>5</sup> Tanto quanto nas outras cidades, em Cianorte há ainda outras importantes produções industriais, tanto em volume como na geração de empregos. É o caso da produção alimentícia de doces secos e pastosos, e da produção agroindustrial de mandioca (fécula, amido, e outros derivados, inclusive de uso industrial).